

**NOTAS EXEGÉTICAS**  
**TODOS OS SANTOS – CICLO C**

**PRIMEIRA LEITURA** (*Apocalipse 7, 2-4. 9-14*): “*Vi uma multidão imensa, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas*”.

No livro do Apocalipse aparecem numerosas visões, porque todo o relato é apresentado como uma revelação de que o autor, como testemunha privilegiado, pôde ver e há-de dar a conhecer. Uma destas visões é um documento fechado com sete selos (4, 1-8, 1), que não pode abrir-se até que chegue o Cordeiro, identificado com Jesus Cristo, que é o único que pode desvelar quem é Deus e levar a cabo a salvação de todos.

Nesta visão, concretamente depois da abertura do sexto selo, o texto de hoje fala de cento e quarenta e quatro mil marcados com fogo para serem distinguidos entre os que pertencem a Deus e, portanto, se salvarão. O número derivado de doze é simbólico e relaciona-se com Israel, o povo de Deus.

Igualmente aparece nesta visão uma multidão incontável para exprimir a universalidade da salvação, já que é formada por uma multidão de todas as nações. Este é o verdadeiro povo de Deus. Assinala-se, com especial interesse, os que sofreram o martírio e partilharam a ressurreição de Jesus Cristo.

O ambiente que se descreve tem um marcado tom litúrgico, pois Deus está sentado no trono e os que se apresentam diante d’Ele são descritos em atitude de louvor e agradecimento pela salvação recebida graças à mediação de Jesus Cristo.

**SEGUNDA LEITURA** (*I João 3, 1-3*): «*Veremos a Deus tal como Ele é*».

A filiação divina não é algo que o homem tenha por ser criatura de Deus mas é um dom, absolutamente gratuito, que Deus dá ao homem para que participemos da filiação do Filho único de Deus, Jesus Cristo. O amor que o Pai nos deu, porque Ele mesmo é amor, é fruto da manifestação deste amor de Deus.

O amor transbordante de Deus só pode levar os crentes a viver em atitude de esperança, porque o que se recebeu é nada mais que uma antecipação do que estamos destinados a receber no futuro: ser semelhantes a Ele e vê-lo em plenitude. O que o apóstolo Paulo denomina mediante a categoria de criação (cf. *Rom 8, 22*), as cartas de João fazem-no com a categoria de revelação.

Conhecer Deus é uma expressão típica de João que se relaciona com a fé, porque quem conhece Deus é quem O acolhe e, em consequência, actua no mundo segundo o Evangelho. É então quando podemos ser puros como Jesus Cristo o foi, ao ser homens esperançosos no meio da desesperança.

**EVANGELHO** (*Mateus 6, 1-12a.*): «*Alegrai-vos e exultai, porque é grande nos Céus a vossa recompensa*».

As bem-aventuranças utilizaram-se, sobretudo no âmbito judaico, na parénese sapiencial. Formulavam-se geralmente na terceira pessoa do singular, ou seja, sem destinatários directos. A apódese de futuro com sentido escatológico constata-se desde a apocalíptica, e nela tem protagonismo o comportamento dos bem-aventurados. As bem-aventuranças de Jesus conectam com a apocalíptica, mas caracterizam-se pelo uso da segunda pessoa do singular, por ser uma série de bem-aventuranças e pelo paradoxo que exprimem as duas partes da proposição.

As bem-aventuranças são um relato fechado, escrito com esmero. A primeira e a oitava aparecem marcadas pela mesma proposição «deles é o reino dos céus». Mateus adopta nesta expressão as palavras centrais do sermão da montanha.

As primeiras oito bem-aventuranças, com o termo *dikaiosine* proposto na quarta e na oitava, apresentam-se como duas estrofes da mesma extensão. O sujeito das primeiras quatro bem-aventuranças aparece designado com palavras cuja inicial em grego começa pela letra *pi*. A última e nona, mais longa que as outras, tem uma promessa directa na segunda pessoa do plural.

Com as bem-aventuranças, o evangelista Mateus sintetiza a proclamação evangélica de Jesus, que traz a boa notícia aos pobres, aos que sofrem, aos que choram, aos necessitados. Todos eles são proclamados bem-aventurados e é-lhes anunciado que a sua terrível situação será transformada por Deus. Ao mesmo tempo, as bem-aventuranças também são um ensinamento ético e constituem uma verdadeira orientação de vida. Igualmente são uma expressão de esperança, porque a misericórdia de Deus favorece, sobretudo, os débeis e oprimidos.

Mar Pérez,  
in *Misa Dominical*,  
Barcelona 2019/14,  
traduzido por Marques Pereira